

## Relato Crítico 1

### **O resgate do passado em busca da compreensão e aceitação da modernidade**

Prédios, casas, construções. Imagens do urbano introduzem o filme 'Medianeras' (ano), de autor. Evidências de falta de planejamento, crescimento irregular e superpovoamento. Buenos Aires é retratada como a cidade das "irregularidades éticas e estéticas".

Dois protagonistas vivem e incorporam essa cidade argentina. Ele, um criador de sites, que tem ataques de pânico, ficou 2 anos sem sair de casa; ela, uma arquiteta que não consegue ordenar a própria vida, com fobia de elevador e uma angústia interna.

Ela, imóvel, silenciosa e fria como os manequins que decora no seu trabalho, permanece a maior parte do tempo em seu apartamento, saindo poucas vezes para interagir com o mundo lá fora. Ele, vidrado no mundo virtual, em busca de se recompor, e recuperar o que era antes do advento da tecnologia.

"A internet me aproximou do mundo, mas me distanciou da vida", diz o programador. O turbilhão da vida moderna, ao invés de alavancar o desenvolvimento, travou o processo e deixou sequelas.

O filme mostra o tempo todo o contraste entre os elementos da cidade moderna e a vida como as pessoas que vivem nela levam. É uma cultura de opostos, em que a modernidade trouxe melhorias, mas trouxe malefícios também. Falta de comunicação, depressão, estresse.

"Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos", como disse Marshal Berman, em seu livro *Tudo que é sólido desmancha no ar - A aventura da modernidade*.

O material faz um estudo sobre a dialética da modernização e do modernismo. Com o tempo e o avanço do modernismo, a sociedade perdeu o contato com as suas raízes. Grande parte das pessoas passaram a se acostumar e ficar apáticas diante da situação; passivas, aceitando o que a modernidade traz.

Berman cita o romance *A nova Heloísa*, de Jean-Jacques Rousseau: "De todas as coisas que me atraem, nenhuma toca meu coração, embora todas juntas perturbem meus sentimentos, de modo a fazer que eu esqueça o que sou e qual meu lugar".

Esse ambiente é atacado por estudiosos, filósofos, artistas. Alguns querem se livrar das artes modernas, para se livrar dos conflitos modernos. Outros querem absorver as contradições da modernidade e aprender a viver com ela.

Mas como disse Karl Marx, "tudo que é sólido, se desmancha no ar". E a humanidade não conseguiu aprender com velocidade a usar o

modernismo. "Nós nos perdemos ou rompemos a conexão entre nossa cultura e nossas vidas", afirma Berman.

Tal situação pode ser entendida com o filme 'Play Time' (ano), de autor, em que um senhor busca encontrar um oficial americano em Paris, mas se perde em meio ao labirinto urbano e tecnológico em que a cidade se tornou. Percebendo no abismo em que se encontra, ele tenta encontrar traços de humanidade e cor em uma metrópole futurista e cinzenta.

A industrialização deixou pouco para o próprio homem executar. "O povo se autorrealiza no seu conforto; encontra sua alma em seus automóveis, seus conjuntos estereofônicos, suas casas, suas cozinhas equipadas", disse Herbert Marcuse, em *O homem unidimensional*. A sociedade moderna é como uma prisão, mas as pessoas não se sentem presas, pelo contrário, são moldadas pelo ambiente.

Para Berman, a única maneira de seguir adiante com a modernidade, é lembrar do passado, das raízes, e se apropriar do ontem, criticar o hoje para desenvolver e ter fé no amanhã. Já dizia Franz Kafka, em *Parábolas e Fragmentos*, "as portas são inumeráveis, a saída é uma só, mas as possibilidades de saída são tão numerosos quanto as portas".

À medida em que não se pode prever o curso e o ritmo das inovações, Nicolau Sevcenko, no texto *A corrida para o século XXI: No loop da montanha russa*, afirma que há uma forma de dialogar com o novo, ponderar seus impactos, avaliar seus efeitos e seus desdobramentos.

Falando das fases da modernidade, ele compara as tecnologias modernas a uma montanha-russa. Começa com uma ascensão contínua, emocionante, de euforia. E logo depois vem a queda, com a perda de referências de espaço, de circunstâncias. Para, em seguida, vir um loop, um novo surto dramático de transformações e acelerações imprevisíveis e incompreensíveis.

Mas para ele, "o fato é que as mudanças tecnológicas, embora causem vários desequilíbrios nas sociedades mais desenvolvidas que as encabeçam, também canalizam para elas os maiores benefícios". Mas então, até onde temos que retroceder para resgatar o nosso passado cultural?

Para o europeu, parece que é necessário voltar aos tempos clássicos para entender e traçar um panorama da condição atual da cultura. A teoria que integra esse debate faz parte do filme 'Fausto' (ano), de autor, que coloca em evidência a aproximação e a diferença entre as noções e visões de mundo.

A partir de um recorte não tradicional, com a tela quadrada e pontas arredondadas, a produção aparenta ser antigo, mas não é. Se melhor percebido, é possível verificar a complexidade da montagem das cenas (algumas em 3D, montadas em computador) e do conteúdo apresentado.

O enredo conta a história de um cientista que faz um pacto com um comerciante diabólico em troca de prestígio, conhecimento e amor. Apesar de brilhante em sua profissão, ele está desiludido, insatisfeito pela limitação humana.

Baseado na obra de Goethe, a obra é uma tentativa de compreender as motivações humanas. O 'diabo' representa a ciência, enquanto outros personagens encarnam males como as dúvidas, os arrependimentos, as ganâncias. Essa separação entre espírito e razão demonstra um momento de transformação na raiz, na base da sociedade.

No filme, o cientista dilacera cadáveres em busca da alma humana, faminto pela vida. O certo e o errado não se opõem. O bem e o mal não existem. E a vida é um jogo sem fim. Essa dicotomia do homem de domínio (parcial) sobre a natureza e a falta de domínio sobre si próprio leva a uma fuga que recorre a uma mercantilização dos desejos.

"Vivemos num meio de objetos construídos pelos homens, entre utensílios, em casas, ruas, cidade e, na maior parte do tempo, não os vemos senão através das ações humanas das quais eles podem ser os pontos de aplicação" (*O olho e o espírito*, de Maurice Merleau-Ponty). O indivíduo é impulsionado e envolvido por forças que ele não compreende.

Mas, lembra Merleau-Ponty, "poderemos sempre descobrir em nosso passado o anúncio daquilo que nos tornamos. Cabe a nós compreender as duas coisas ao mesmo tempo e de que maneira a liberdade se manifesta em nós sem romper nossos vínculos com o mundo".